

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 185

Director: ALEXANDRE VAZ

31 DE DEZEMBRO DE 1992

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL

A Casa de Terras de Bouro será uma embaixada dos interesses do nosso concelho

Rolando Fernandes, um terrabourense oriundo de Molmenta, é o dinâmico impulsor da futura CASA DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO



PÁGINA 7

BOURO (SANTA MARIA)

Obras de restauro do Convento não estiveram nem estão em causa

— uma das certezas dadas na reunião na SEC .

Que o Convento de Santa Maria de Bouro terá obras de restauro, parece ser uma das únicas certezas trazidas de Lisboa pela comissão resultante de um consenso obtido na Assembleia Municipal de Amares.

De facto, na reunião que aquela comissão, constituída pelos presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal de Amares, da Junta e da Assembleia de Freguesia de Bouro (Santa Maria), e pelos vereadores Luís Russel e Francisco José Araújo, manteve no passado dia 18 de Dezembro na Secretaria de Estado da Cultura, foi mencionado o facto de as obras de restauro do Con-

vento de Bouro nunca terem estado nem estarem neste momento em causa.

Foi comunicado à comissão que o ideal seria encontrar um concessionário interessado na exploração da indústria hoteleira, para aproveitamento total do projecto do arquitecto Souto Moura. Se isto for possível, tornam-se mais rápidas as obras de restauro do convento.

Esta solução é, nomeadamente a que mais interessa à Secretaria de Estado da Cultura. A verificar-se a impossibilidade desta hipótese, está agendado para o dia 29 de Janeiro um encontro de trabalho na S.E.C. para se procurarem outras soluções.

LAGO (AMARES)

Entregou-se à GNR o presumível assassino

— Vítima estava grávida de sete meses

No lugar de Santa Marta desta freguesia, foi selvaticamente morta a tiro de caçadeira a sr.^a Maria Joaquina Vieira, de 42 anos. Vítimas do tiroteio e com gravidade foram duas meninas Kátia Sofia Costa Silva e Suzana Cristina.

Carlos Ramoa Alves, de 57 anos, autor confesso do assassinio, entregou-se à GNR.

A indignação é geral, pois nada justifica um acto tão tresloucado, nesta freguesia pacata e ordeira.

Natal
das
crianças
na
A.C.R.D.
de
Souto



«A Voz da Abadia»

Deseja a todos
os Leitores, Anunciantes,
Assinantes e Colaboradores

FELIZ

ANO NOVO

PÁGINA 5

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEME CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR

Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO

José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Santa Maria de Bouro

4720 AMARES

Telefone (053) 37197

PROPRIETÁRIO

Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO

EDITORA CORREIO DO MINHO/SM

Palácio de Exposições e Desportos

Telefone 74087

4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00

NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL

3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes

de «A Voz da Abadia» — enviando-nos,
devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Benfeitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

*Nas páginas
deste Jornal
o seu nome
nunca fica mal...*

**Por isso anuncie
n'A VOZ DA ABADIA**

O DITO E O FEITO

A caixa dos loucos

De repente, a loucura apoderou-se das televisões. Parecem Cresos transformando em ouro tudo o que dizem e o que fazem. Saem de lá filas de automóveis, despacham as pessoas em viagens de barco e de avião às paragens mais exóticas, oferecem electrodomésticos aos montes, de todos os tamanhos e feitios, cabazadas de relógios, contos às centenas, aos milhares, concursos e mais concursos, sorteios a propósito e a despropósito. Aquilo já não parece televisão, parece uma casa, ou melhor, uma caixa de loucos. Até a «Grande Área», consolação dos que não podem ir à bola, que se desejava rápido, sintético, o sumo da jornada, até aí cravaram um concurso!

Decida você, escolha você, mande um postal, uma carta, telefone para este número e para aquele. Se fosse a tomar nota deles todos já tinha uma agenda cheia. Saturam-se as linhas, gera-se um certo alarme, os Correios esfregam as mãos de contentes, o país está de olhos abertos, ouvidos à escuta e lápis na mão. Parece que só vive para aquilo.

Os canais autopromovem-se como nunca. O Canal 1 anuncia a TV2, a TV2 anuncia o Canal 1, a SIC não lhes fica atrás, cada qual se reclama a si próprio. Até nos jornais, não sei se já repararam, começaram a aparecer páginas inteiras de publicidade. Em termos futebolísticos, verifica-se uma espécie de marcação homem a homem, ou melhor, programa a programa. Passas a telenovela às vinte e trinta? Espera lá que eu já te digo: telenovela às vinte e trinta. Notícias às vinte? Notícias às vinte. Concurso às dezoito? Concurso às dezoito.

Depois é ver quem dá as imagens mais chocantes. Tu mostras a criança violada pelo pai? Eu mostro o que cortou o pénis. Tu mostras aqueles esqueletos vivos da Somália e da Etiópia? Pois eu, os cadáveres queimados, ainda a fumar, nas ruas de Luanda. Tu mostras um tipo a escorrer sangue? Eu atiro-te à cara as moscas da morgue onde os corpos se amontoam, podres. Filmas um a aspirar droga? Eu filmo outro com a seringa pendurada nas veias. Mostras um doido nu passeando nas ruas de Lisboa? Pois eu mostro a misse não sei quê desfilar no mesmo estado.

Realmente, não percebo que raio de tática é esta. Porque é que uma televisão há-de seguir a outra passo a passo, em vez de diversificar e oferecer alternativas? E porque é que uma há-de mostrar-se tão nervosa que até antecipa a estreia de uma novela, estando ainda a transmitir a anterior? É de loucos!

Bem sei que tudo não passa de uma guerra de audiências. Uma televisão precisa de quem a veja e ouça. É, pois, natural que procure conquistar um público ou, se já o conquistou, não o deixar fugir para o rival, custe o que custar. Contudo, é também desejável que essa guerra não redunda em prejuízo do espectador, alienando-o, criando-lhe ilusões de riqueza fácil ou de evasão superficial, tentando apo-

derar-se do seu tempo e das suas preocupações, excitando o que de mais vulnerável pode haver nele, o sexo, o instinto de violência, a ambição da riqueza. A televisão não pode escravizar o homem, proceder como se só ela fosse importante na vida.

Afinal, a televisão parece desejar grandes audiências para conseguir grandes receitas. Se essa for, realmente, a principal ou até a exclusiva finalidade de toda esta guerra insensata, então a filosofia que deve estar subjacente aos meios de comunicação social encontra-se perfeitamente subvertida. A televisão está a servir-se do espectador em vez de servi-lo.

Há muita gente que não sabe defender-se. Torna-se, pois, necessário moderar tais comportamentos. E se as televisões não forem capazes de se autodominarem, se lhes faltar o bom senso que a obsessão do lucro parece ter transtornado, então alguém lhes lembre que existem não propriamente para ganharem dinheiro, mas para servirem o público com qualidade e eficiência. E se me disserem que o não podem servir sem receitas, pois então que as arranjem como muito bem entenderem, mas não à custa da dignidade dos espectadores.

A propósito: acho graça a uns quantos que agora barafustam contra a insensatez consumista da televisão. São os mesmos que, ainda há pouco, fizeram um berreiro indecente por a Rádio Renascença se recusar transmitir toda e qualquer porcaria que as editoras para lá mandam. São os mesmos que armam um escarcéu medonho sempre que alguém fala em pôr alguma ordem na bagunça. Parecem defender a tese do «quanto pior melhor», de que os meios de comunicação social, não sabemos com que intenções, podem transmitir tudo o que lhes der na realíssima gana, seja a que horas for, veja quem vir, atinjam eles quem atingirem.

Só a uma coisa parecem eles sensíveis: ao consumismo. Se a comunicação social não apelar ao consumismo, tudo bem. Quanto ao resto, pode dar cabo de tudo, pode celebrar a abjecção, ridicularizar, amesquinhar, distorcer, mentir, tentar destruir os grandes valores humanos, tudo numa «nice». E aí de quem pretender evitá-lo. Ouvir-se-ão, imediatamente, gritos de «fascismo, censura, inquisição, repressão, obscurantismo, hipocrisia, etc., etc.». Mas aposto que irão, imediatamente, protestar ao Instituto de Defesa do Consumidor se, por acaso, lhes venderem o iogurte fora do prazo. No tocante ao de comer e de beber, ao de vestir e de calçar, ao electrodomesticozinho e ao automovelzinho, exigem tudo limpinho, tudo certinho, tudo nos conformes. Quanto ao resto, pode servir-se ao público toda a mediocridade, toda a abjecção que a estupidez ou a maldade humana vai produzindo, nada a objectar. Parece que se perdeu o sentido dos valores. Ou melhor, parece que só um ficou: o ventre. Quanto ao mais, tanto se lhes dá como se lhes deu!

Silva Pereira, in «M. C. de Jesus»

PADARIA UNIVERSAL

De António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS PREFIRA O DA PADARIA UNIVERSAL

TELEFONE 66125

SANTA MARIA DE BOURO - AMARES

PELO SANTUÁRIO



Festa da Imaculada Conceição

No plano divino da salvação dos homens em que o Filho de Deus se fez homem, convinha que a Sua Mãe fosse cheia de graça, sem a mancha do pecado original.

O Santuário da Abadia é um santuário de Nossa Senhora, celebrou-se nele a 8 de Dezembro a solenidade litúrgica de Nossa Senhora da Conceição para se homenagear a Mãe de Deus por ter recebido esse dom.

Houve missa cantada acolitada pelo P.º Car-

los Lopes de Sousa, pároco de Bouro, e pelo diácono, Cap. José Maria Araújo, e sermão.

O pregador foi o diácono José Maria Araújo que expôs a teologia do dogma da Imaculada Conceição.

Depois de falar de Nossa Senhora exortou a todos que além da devoção que lhe dedicamos, procurássemos imitá-la na nossa vida.

O grupo coral do Santuário cantou a missa e cânticos a Nossa Senhora.

VISITA

No dia 5 de Dezembro, depois da conferência de imprensa em Bouro, a eurodeputada Maria Belo,

acompanhada do deputado Domingos Azevedo, do presidente da Câmara de Amares, José Carlos Macedo, e dos vereadores Francisco Araújo e António Fernandes, do presidente da Câmara de Vieira do Minho, Travessa de Matos, da Junta de Freguesia de Bouro e de mais pessoas visitou conforme tinha programado a Abadia.

Foi pena ser já tarde para poderem apreciar a beleza do conjunto das montanhas e do ribeiro a envolverem o Santuário e os «quartéis» com as suas varandas a ladearem o adro.

Entraram no Santuário. A Dr.ª Maria Belo procurou informar-se da história do Santuário e admirou a harmonia entre as suas proporções e a estética das abóbadas das naves, a beleza dos retábulos dos altares, dos sanefões e demais talha que ornamentam as paredes.

Eucaristia do Natal

A directora e assistente do grupo coral, Prof.ª D. Maria de Jesus Mendes Domingues, resolveu com os elementos do grupo cantar a missa das 11 horas.

Por devoção e por estarmos a celebrar uma das principais festas da Igreja, a do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, tomaram essa decisão.

Como sucede todos os anos vieram muitas pessoas assistir à missa: estavam de visita a familiares; os emigrantes nuns dias de férias; muitos que andavam a cumprir promessas; outros que resolveram por estar um dia de sol dar um passeio e cumprir o preceito de ouvir missa, no Santuário.

Todos levaram uma boa recordação do Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Assinantes de «A Voz da Abadia» celebraram as Bodas de Ouro

Celebraram as suas Bodas de Ouro matrimoniais a Sr.ª D. Helena Baltazar Ribeiro e o Sr. Virgílio Mateus Ribeiro, assinantes de «A Voz da Abadia».

A cerimónia teve lugar no passado dia 28 de Novembro na Igreja de Padrão da Légua, tendo-se associado ao acto cerca de uma centena de pessoas, entre amigos e familiares.

Naturais do Gerês, os aniversariantes residem agora em Custóias, Matosinhos.

Ao casal Ribeiro, «A Voz da Abadia» endereça os parabéns e faz votos de uma vida cheia das bênçãos da Senhora da Abadia.



CARTAS AO DIRECTOR

Exmo. Sr. Director
de «A VOZ DA ABADIA»

Inserto no vosso jornal de 27/10/92, na coluna dedicada a Figueiredo, figura uma notícia intitulada «Perigo na Estrada» que cita, a despropósito, o meu nome. Qualquer leitor relacionará o derrame de óleo na estrada nacional com a minha oficina. O que prova que a vossa notícia é insidiosa, com intuídos lesivos da minha actividade. Queria informar os vossos leitores que a minha oficina não está em cima da estrada nacional, mas em terreno distanciado, com muito espaço interior e exterior. Daí que qualquer derrame de óleo que possa acontecer na dita estrada nacional é totalmente alheio às minhas tarefas. Desafio «A VOZ DA ABADIA» a publicar a notícia correspondente e não uma nota insinuada, quando algum veículo da minha responsabilidade for descoberto a derramar óleo. E, porque não, aproveite para escorregar a sério e refira as manchas com quilómetros de extensão que tem aparecido noutros locais da mesma estrada, e tenha a coragem de citar o nome dos culpados.

RAUL ESTEVES GOMES
Auto Reparadora de Amares (Figueiredo)



FÁBRICA DE FATOS CASACOS CALÇAS

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

FIGUEIREDO

Imaculada Conceição

Ninguém nesta freguesia se recorda, com exactidão, de há quantos anos a nossa comunidade paroquial realiza a festividade em honra da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

E, desta vez, quando se previa a não efectivação da costumada e justíssima homenagem à MÃE de todas as Mães, um grupo de devotos organizou, numa iniciativa de última hora, tudo quanto era necessário para dar continuidade a uma das tradições muito queridas daquelas que os antecederam.

Desta feita, a Excel-sa Senhora devia ter ficado, mais uma vez, muito contente com eles e connosco, por termos festejado, ainda que de forma simples, mas fervorosa, mais um aniversário da definição dogmática da Sua concepção imaculada.

Crianças, outra vez!

Lembras-te... quando NATAL significava tempo de férias; das noites em que, acordados, esperávamos um Pai Natal que nunca chegou; das prendas colocadas, por nossos pais e padrinhos, debaixo do pinheiro acabado de cortar e dos tempos em que aprendemos a cantarolar as primeiras canções de Natal?

Lembraste... do Menino Jesus pequenino que o bondoso Senhor Abade, já velhinho, nos dava a beijar nas Missas de Natal, Ano Novo e Dia de Reis... de quando jogávamos o «par-e-pernã» e, depois, partíamos pinhões à dentada?

Lembras-te... de que, só pelo Natal, é que tirávamos da miséria a barriquinha esfomeada... das Janeiras e Reisdas que cantávamos a troco de um punhado de nozes e figos secos, de um tostão, sete e meio, doze e meio, um cruzado, uma coroa ou, por vezes, até meio tostão?

E lembras-te... vê lá se te lembras... de, passado um Natal, desejarmos que outro viesse depressa, para termos mais férias, mais prendas, mais Menino Jesus a beijar, mais Janeiras e Reis, mais «par-e-pernã» e coisas boas com faturinha?

Vá, não tenhas vergonha! — Deixa-te envolver de novo, como eu, pela suave magia dos Natais de antigamente e, por momentos, não deixes de voltar a ser criança!...

Há coisas boas

Ainda há coisas muito boas, no nosso Concelho. E, por vezes, nem damos conta da importância de que se revestem.

Uma delas é, sem dúvida, a recolha do lixo pelos funcionários disso encarregados, em horas e dias certos.

Mas, por artes do demo, as nossas ruelas e caminhos ficam, depois daquela operação, pejados de detritos incómodos e até malcheirosos.

Culpa toda dos tais funcionários, não é certamente. Maior culpa nos cabe, porque não acomodamos, devida e convenientemente, em sacos ou recipientes apropriados, aquilo que nos sobra, importuna e não queremos ver em casa ou no quintal. —

BOURO (Santa Maria)

Festas de Natal

Foram duas as festas de Natal que as crianças desta freguesia de Bouro (Santa Maria) viram realizadas nesta época festiva.

A primeira, organizada pelas professoras da Escola Primária teve lugar no dia 18 de Dezembro. Constatou de uma eucaristia presidida pelo pároco, e directamente destinada à participação activa das crianças, tendo sido celebrada no salão da Junta de Freguesia em virtude de a Igreja estar encerrada para obras de restauro. Foi ao fim da manhã, e as crianças

participaram de uma forma activa, tendo sido para tal preparadas pelas suas professoras.

Pelas 20 horas, e no mesmo local, as crianças brindaram com canções, peças de teatro e muita animação os convidados que enchiam toda a sala. No final, e depois da habitual distribuição de prendas de que se encarregou um jovem Pai Natal, os presentes confraternizaram com alegria e tendo como ponto de partida um saboroso lanche preparado para o momento. No próprio dia de Natal, foi a vez de as crian-

ças que frequentam a catequese paroquial de Bouro realizarem a sua festa de Natal.

Foi durante a tarde, e as canções e peças levadas à cena mostraram mais uma vez a aptidão dos pequenos bourenses para as artes do palco. Pena é que, quer por falta de estruturas quer mesmo por falta de vontade, só uma vez no ano se vejam coisas destas.

O Pai Natal esteve também presente nesta festa, organizada em conjunto pela Catequese paroquial e pela Junta de Freguesia, no sen-

tido de tornar o Natal das crianças mais alegre e recordado.

Nas mãos do Pai

Partiram para a Casa do Pai, nesta época natalícia, as senhoras D. Amélia da Conceição de Sousa, no dia 23 de Dezembro, residente que era no lugar do Terreiro; e D. Clementina Rosa Fernandes, no dia 26 de Dezembro, residente no lugar de Dornas.

Às famílias enlutadas, «A Voz da Abadia» envia sentidas condolências.

FERREIROS (Feira Nova)

Na multiseccular capela de Santa Luzia, no lugar de Vasconcelos, realizou-se no dia 26 de Dezembro, a grande romaria em homenagem à Virgem Mártir de Siracusa, que em todo o mundo tem milhões de devotos.

O Grupo Coral de Ferreiros cantou a missa a que presidiu o Rev.^o Padre Albino. Após a leitura do evangelho usou da palavra para enaltecer os dotes singulares de Santa Luzia, Diácono Capitão José Maria Araújo, que o numeroso auditório escutou em profundo recolhimento. Depois, foi a procissão ao Cruzeiro agora implantado no alto, graças à variante da Rua de Cintura que veio beneficiar aquele espaço. Com um tempo maravilhoso, tudo correu de forma cordata e ordeira e pelo que dizem, osromeiros, esgotou-se toda a mercadoria!... Agora é necessário restaurar o «Solar de Vasconcelos». Há tantos anos prometida, esta obra é sempre adiada!... Mais uma vez apelamos ao Instituto do Património Cultural para que rapidamente proceda ao seu restauro pois é da sua responsabilidade e competência. Lisboa fica longe e os políticos não ouvem!... Capital e cidade voraz, consome o orçamento.

Casamentos

Na igreja paroquial desta freguesia, celebraram o seu casamento João Augusto Fernandes da Silva e D. Maria de Fátima Ferreira da Cunha.

— No dia 19 de Dezembro, os jovens Fernando Joaquim da Cunha Maia e D. Isabel Maria Fernandes da Silva.

Desejamos que sejam felizes e que os votos formulados por tantos convidados se realizem na vossa vida.

Baptizados

No dia 20 de Dezembro, com o nome de Abel Ernesto, foi baptizado este neófito, filho de Alexandre Manuel de Sousa e D. Maria Amélia Pereira Fernandes de Sousa.

— A 25, dia de nascimento, o menino Rúben Joaquim, filho de Joaquim Costa da Cunha e D. Cristina Angélica Ferreira Martins da Cunha.

— No dia 27 do corrente, realizaram-se dois baptizados: Juliana Manuela, filha de Manuel da Silva Rego e D. Maria de Lurdes da Silva Brandão; Alexandre Cracel Antunes, filho de José Augusto da Cunha Antunes



e D. Maria Fernanda Cracel Antunes.

Aos pais, padrinhos e neófitos, desejamos as maiores felicidades.

Óbitos

Em 6 de Dezembro, após prolongada doença, faleceu no lugar de Santa Catarina, o sr. João da Rocha Barbosa, funcionário da Câmara de Amares aposentado. À sua esposa D. Almerinda Macedo, filhos e restante familiares apresenta a «Voz da

Abadia» sentidas condolências.

— No dia 13 de Dezembro, faleceu vítima de doença que não perdoa, na Rua da Bornaria, Alvim Gonçalves, ex-emigrante em França. A sua esposa D. Maria Irene da Silva, filhos, genros e netos, apresentamos sentimentos de muito pesar.

Os dois funerais tiveram a presença de centenas de pessoas, pois eram cidadãos muito estimados. — (C.)



FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária
Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
Funerais e Translações para todo o País.
Coroas e Palmas em flores naturais.
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

SOUTO

Natal das Crianças na A.C.R.D.

Realizou-se no passado dia 20 do corrente, a festa de Natal das crianças desta freguesia. Uma iniciativa da Associação, já criando raízes e tradição. Numa noite fria e chuvosa, encheu-se uma sala com alegria, risos e convívio entre crianças e adultos.

Uma festa onde o programa foi cheio e variado: desde a actuação dos alunos da escola de música, passando

pelos crianças da A.T.L. e Escola Primária, completando-se com a participação dos jovens e artistas convidados. Esta festa teve o seu apogeu com a visita do Pai Natal.

Foi um ambiente de verdadeiro espírito de Natal, de paz, amor e carinho que as nossas crianças mais uma vez sentiram de seus pais, familiares e amigos.

Este convívio tornou-se possível



devido à força de vontade de muitas pessoas desta comunidade com o seu trabalho e espírito de sacrifício, também recordando as entidades oficiais que nos apoiaram.

A todos, muito obrigado.

Falecimento

Faleceu no passado dia 6 do corrente o sr. Domingos Penede da Costa, com 67 anos de idade e residia no lugar do Caneiro. — (C.)

RIBEIRA

Actividades da Associação Cultural de S. Mateus

A Associação Cultural de S. Mateus da Ribeira, levou a efeito mais uma festa de Natal para as crianças da freguesia. Desta festa, para além da acostumada distribuição de prendas e lanche convívio, houve exclusivamente para as crianças, a estreia da peça de teatro «O Nascimento do Menino». O grupo de teatro ligado a esta Associação, fez assim reviver este tradicional e importante e evento, após 22 anos de interregno.

Para além das duas horas e meia de espectáculo e dos trinta e poucos actores envolvidos, esta peça, cujo tema está ligado à quadra natalícia, representa, sobretudo para os mais idosos, o reanimar de uma grande tradição teatral entre as nossas gentes.

Vale a pena assistir a

este Auto de Natal, que teve sessões nos dias 25 e 27 de Dezembro e ainda a 3 e 10 de Janeiro de 1993, pelas 15 horas da tarde, na Sede desta Associação Cultural.

*
*
*

Concluiu-se, também, recentemente o torneio de futebol de salão, realizado pela ACRI. Na final do torneio estiveram frente a frente as equipas representantes das Associações Culturais, Desportivas e Recreativas de Souto e Carvalheira. Saiu vencedora a equipa de Carvalheira que mostrou maior maturidade, fazendo valer a experiência de alguns dos seus jogadores.

A organização fez um bom trabalho e mais uma vez se demonstrou da

importância das associações na promoção do desporto, da cultura e recreio, em localidades como as nossas. Pena é que este esforço, gratuito e altruisticamente desenvolvido, nem sempre seja devidamente reconhecido, sobretudo por organismos e entidades estatais, a quem por dever lhes competia tal função. É ainda bastante a imagem de como o «desenvolvimento» não é uma realidade aqui concreta e das assimetrias que, em vez de diluídas, se acentuam.

O progresso apenas se considera como tal se conseguido de forma equilibrada, justa, duradoura e em todos os níveis ou ramos de actividade da vida humana. Talvez estejamos ainda muito distantes de tais objectivos. — (C.)

RIO CALDO

Posto Médico «mete água»

Com as intensas chuvas que se fizeram sentir nas últimas semanas, o Posto Médico de Rio Caldo não escapou à infiltração das águas pluviais, o que deu algum transtorno ao bom funcionamento daqueles serviços.

Os consultórios médicos estavam inundados e no corredor via-se pingar do tecto água com alguma abundância e pelo que apuramos isto devido ao simples facto de um passarinho ter feito o seu ninho num dos caieiros de escoamento das chuvas!...

Devido ao mesmo facto, o referido Posto Médico esteve sem corrente eléctrica durante um dia, tendo depois a E.D.P. solucionado rapidamente o problema a solicitação da nossa Câmara Municipal.

Agora são as paredes a reclamar pinturas...

Será caso para afirmar que o presente dá lições, e no futuro o melhor será remediar os males.

Rio Caldo vai ter «Pelourinho»

Por iniciativa da nossa Junta de Freguesia, está a ser erigido um «pelourinho» junto à estrada nacional, na avenida de acesso à igreja paroquial.

A obra iniciada já à algum tempo, encontra-se agora parada, talvez a aguardar que as peças em pedra ainda neces-

sárias, sejam feitas para a sua conclusão.

Igualmente chegou ao nosso conhecimento que vai ser construída junto ao cemitério uma capela mortuária e que esta obra já foi adjudicada pela Junta de Freguesia à firma Manuel Severido da Silva Ferreira, estando orçada em cerca de três mil contos.

(RECIPE)

PARADA DE BOURO

Casamentos

Uniram as suas vidas pelo Sacramento do Matrimónio os jovens José Luís da Rocha Pereira e Elisabete Pereira Vieira, no dia 19 de Dezembro, na Igreja Paroquial, filhos de Guilherme Augusto Rocha Pereira e Laura da Conceição Barbosa e Aparício António Ferreira

Vieira e Maria da Conceição Lopes Pereira.

— Também no dia 26 do referido mês de Dezembro matrimoniar-se na mesma igreja, Jorge Manuel Fernandes Lopes e Maria da Visitação Rodrigues da Silva, filhos de Manuel Ribeiro Lopes e Maria da Piedade Pinto Fernandes e António da

Silva Filipe e de Maria da Visitação de Sousa Rodrigues.

Aos noivos desejamos-lhes um futuro risinho e cheio de felicidades.

Baptizados

No dia 27-12-92 renasceram para uma nova vida os meninos: André Mamede, filho

de Abílio Pires da Costa e Fernanda da Conceição da Silva Rodrigues Costa; e Daniel da Silva Matos, filho de Manuel Ramalho Matos e Maria de Lurdes Pereira da Silva.

Aos pais, os nossos parabéns e aos novos membros desta comunidade auguramos um futuro feliz.

Emigrantes

Muitos são os emigrantes que nesta altura de festas natalícias, provenientes de diversas localidades se encontram entre nós. A sua presença é para nós motivo de alegria e com eles uma nova vida reaparece. Desejamos-lhes umas boas férias e um feliz Ano Novo.

SANTA MARTA

Casamento

Realizou-se no passado dia 26 o casamento de *Fernando Barbosa Pereira*, filho de Gualdino Gomes Pereira e de Elvira Bernardina Barbosa, com a menina *Felismina de Jesus da Rocha Martins*, filha de Manuel Antunes Martins e de Maria Martins da Rocha.

Desejamos aos noivos muitas felicidades no seu novo estado de vida.

Baptizado

No dia 27 de Dezembro realizou-se o baptismo de *Carla Sofia*, filha de António Manuel da Silva Vidal e de Maria de Jesus Antunes da Silva. Que o Senhor a cubra de bênçãos pela vida fora.

Obras

Continuam em bom ritmo a construção dos muros, já referidos neste jornal, os quais vêm beneficiar em muito esta terra.

Festa de Natal

No passado dia 27 aconteceu a festa de Natal das crianças desta paróquia, a qual teve o apoio da Junta de Freguesia e a colaboração das catequistas e dos professores da Escola Primária e que constou de recitativos de poemas e de canções apropriadas à quadra do Natal.

A finalizar houve uma distribuição de prendas às crianças e um lanche partilhado pelos mesmos e suas catequistas.



Mãos ao ar! A carteira ou a vida!

— Está a perder o seu tempo — disse a vítima — as coisas têm-me corrido tão mal que há uns tempos para cá não tenho um tostão no bolso.

— E acha que isso é mau? Azar tenho eu, que há dois meses que não consigo balas para a pistola.

Num hotel o cliente pergunta ao empregado:

— Ouça lá, estes lençóis estão lavados?

— Ó meu senhor, olhe que até agora muita gente dormiu neles e ninguém se queixou!...

1. Na noite santa do Natal, ocorrida há quase dois mil anos, ecoou na Terra o anúncio dos Anjos aos pastores que, a partir de Belém, ressoa nos nossos ouvidos: *glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade*.

Nesta mensagem está contido o projecto do Menino, vindo à luz do Mundo no desconforto do presépio; o seu programa de vida resume-se em dar *glória a Deus*, através da paz fraterna entre *todos os homens*.

Tradicionalmente emprega-se a expressão redutora, quanto aos destinatários, acentuando de boa vontade.

Outra tradução, também corrente, substitui esta expressão limitativa por outra mais ampla: *homens que Deus ama*.

Mas eu desajaria acentuar uma outra versão que, parecendo contraditória, talvez o não seja: que a paz se imponha mesmo entre os *homens de má vontade*. É que não está certo que aquela fique na dependência da maldade de alguns homens, ou seja, daqueles que se negam a trabalhar pela paz, ou mesmo lutam contra ela.

E assim frustra-se o natural anseio dos homens e o projecto divino da paz entre eles.

Mas o mundo não pode ficar eternamente sujeito à falta da vontade, da aceitação e cooperação de alguns homens ou povos.

Por isso importa pedir a Deus que fomente a paz mesmo entre os homens que a não apreciam nem a querem. Não rogamos que desrespeite a autonomia e livre arbítrio da pessoa humana: mas que ilumine a inteligência e fortaleça a vontade daqueles que não sabem ver a verdade, nem querer o que é bom. A Liturgia consagra orações a rogar a Deus que dobre as nossas vontades rebeldes. Na medida em que descobrimos a verdade e o bem, acabamos por aderir a uma e outro.

PAÍSES A BRAÇOS COM GUERRAS CIVIS

1. O panorama trágico que o mundo de hoje nos oferece torna urgente que se dê execução ao programa cantado pelo coro dos Anjos, esvoaçando sobre a gruta, humilde mas luminosa, de Belém.

Pensemos nos países a braços com guerras civis, algumas de longa data. Mas fixemo-nos sobretudo nas

terras que nos são especialmente caras por, até há poucos anos e desde há séculos, se encontrarem política e administrativamente ligadas a Portugal.

É o caso de Angola, onde se afundaram, nos últimos meses, esperanças nascidas no Acordo de Bicesse, há dois anos. A ingenuidade dos políticos, que decidiram as eleições sem terem substituído os exércitos dos movimentos políticos-militares, agora designados partidos, por um só de âmbito nacional; sem terem instaurado uma única organização administrativa em todo o território; sem terem suprimido a polícia política, sucessora da ex-crada DISA, por sua vez continuada, com agravamento, da PIDE/DGS; e sem terem exigido um governo de transição, apertado ou multi-partidário. Tais ingenuidades deram no que se viu: uma carnificina cruel que veio agravar o fosso que separa os angolanos, tornando mais difícil o entendimento futuro.

Em Moçambique, apesar de o ponto de partida ter sido mais difícil e menos esperançoso, tudo parece encaminhar-se agora para uma solução feliz. A trágica situação de Angola ajudará os altos responsáveis a serem mais realistas. Mas não pode duvidar-se de que a permanente presença e a forte influência da Igreja Católica no processo de negociações ajudaram muito na preparação dos pressupostos para a paz ansiada. É de esperar que as premissas estabelecidas levem às conclusões lógicas e desejadas; e não venham factores externos, movidos pelas grandes Potências, políticas ou económicas, comprometer e sacrificar os objectivos que estão à vista.

Também exige a nossa atenção e suscita preocupações o longínquo Timor. Vítima da desastrosa política dos Governos saídos da Revolução de Abril, como filhotes teratológicos, em que as baionetas serviram de fórceps, está a pagar os erros então cometidos. Mas é demasiado tarde para serem reparados, pois os erros políticos dificilmente encontram emenda ou correcção adequada.

Glória a Deus e Paz entre os homens mesmo de má vontade

POR D. EURICO NOGUEIRA



Presépio atribuído a Machado de Castro, existente na igreja de Santa Cruz, em Braga

Abandonado cobardemente por Portugal, em hora de loucura colectiva, só a Igreja se manteve ali fiel, no seu posto de serviço. Não admira, por isso, que o povo para ela se tenha voltado, como esperança derradeira. Pareceu acordar, agora, mas tardiamente, a consciência hibernante da Nação, como que estremunhada. Lançou-se num beireiro ensurdecedor e estéril, como se deste algum benefício pudesse resultar. Aconteceu mesmo que alguns legítimos sucessores e herdeiros dos agitadores de Abril — que com *slogans* como «*nem mais um soldado para o ultramar*» comprometeram qualquer evolução serena, pacífica e dignificante — se entregaram a manifestações histéricas e ridículas, pretendendo envolver e enxovalhar a Igreja, que é afinal a única entidade e organização que tem sabido cumprir, no meio da tempestade desencadeada pela cobardia e demissão colectivas. Neste dia e deste lugar envio saudações fraternas ao jovem e grande Bispo D. Ximenes Belo, símbolo de uma Igreja serena e prudente, mas corajosa e audaz.

Apesar de tudo imploremos ao Céu a paz e serenidade do Natal para essas martirizadas populações: aquilo que os homens não souberam ou quiseram alcançar pode ser concedido benignamente por Deus.

NATAL VAZIO DE SENTIDO

3. Mas também perto de nós, à nossa volta, há pessoas ou classes sociais para quem o Natal se tornou vazio de sentido, porque não estão em condições ambientais que lhes permitam compreender a mensagem de amor fraterno, de que o Menino do Presépio é portador.

São as pessoas a ganhar apenas o salário mínimo ou nem isso; a gente sem trabalho ou com salários em atraso; os trabalhadores a viver de subsídios; os doentes que esperam meses por uma consulta, ou anos por internamento; os reformados que gastam em médicos e em remédios toda a sua reforma; as famílias a viver em casas sem o mínimo de condições; as crianças a substituir o estudo e brincadeiras próprias da idade por trabalho prematuro — como salientou a Liga Operária Católica de Braga, para reflexão séria nesta quadra de Natal.

Pensemos também na multidão de jovens caídos nas garras do alcoolismo, da droga e da prostituição, ou vítimas da Sida.

Olhemos para os doentes, sobretudo crónicos, a braços com sofrimentos sem esperança; para os velhin-

hos mergulhados em amarga solidão, por não terem familiares que lhes tragam o conforto devido; para os presos que expiam no desconforto de um cárcere por crimes cometidos porventura em hora de azar, ou mesmo vítimas de uma sociedade malsã, ou de erros judiciais; para os destroçados das guerras, sejam órfãos ou viúvas, ou mesmo os soldados a braços com a insegurança no presente e a incerteza no futuro; para os refugiados e escoreçados, a quem só resta salvar a vida porque perderam tudo o mais.

AO ENCONTRO DOS POBRES

4. Para todas estas e semelhantes classes de pessoas, também deserdadas, o Presépio de Belém não tem sentido, a menos que, na sua desgraça, conservem ainda um lampejo de fé.

E no entanto Jesus também nasceu sobretudo para os mais atribulados. Também estes devem escutar o cântico angélico, anunciador da Paz. Pertence a todos e cada um de nós tornar eficiente e verdadeiro este hino de amor.

Convençamo-nos de que não há Natal sem paz; não há Natal sem pão; não há Natal sem amor.

Por isso o Santo Padre escolheu muito acertadamente para tema da 26.ª Jornada Mundial da Paz, a celebrar no primeiro dia do Ano Novo, «Se queres a paz, vai ao encontro dos pobres.»

Nos pobres, sob qualquer aspecto ou dimensão, como acabámos de acentuar, descobriremos, com os olhos da fé, o Jesus de Belém.

Beijando e amando aqueles, beijamos e amamos o Menino, renascido no Natal que todos os anos se repete.

Só assim seremos dignos de viver o Natal.

Só então compreenderemos a Boa Nova que Jesus veio trazer aos *homens que Deus ama*, sejam de boa ou má vontade.

Desta cátedra pastoral, colocada no fundo da ábside da veneranda Sé Primacial, sob o manto e olhar maternal de Nossa Senhora de Braga, envio a todos os diocesanos ardentes votos de *Santo Natal e abençoado Ano Novo*.

Braga, 25.12.1992

Eurico Dias Nogueira,
Arcebispo Primaz

«A Voz da Abadia», 31/12/92

«AUTO-SPORT 2000 — REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE AMARES
N.º de Matrícula 00060
N.º de Ident. de Pes. Col. 501062980
N.º de Inscrição 2
N.º e Data da Apresentação 05/921126

MARIA FERNANDA OLIVEIRA COSTA PIRES DA SILVA, Ajudante em exercício, CERTIFICA, o teor da inscrição n.º 2, da sociedade em epígrafe, o qual tem a seguinte redacção:

Inscrição n.º 2 — Ap. 05/921126 — DISSOLUÇÃO e encerramento da liquidação com contagem a partir de 31-12-88.

Está conforme o original.
Contém uma folha.
Conservatória do Registo Comercial de Amares, aos 4 de Dezembro de 1992

A AJUDANTE EM EXERCÍCIO,
Maria Fernanda Oliveira Costa Pires da Silva

A Casa de Terras de Bouro será uma embaixada dos interesses do nosso Concelho

— disse ao nosso jornal o sr. Rolando Fernandes, iniciador do projecto de constituição da CASA DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO e coordenador da respectiva Comissão Instaladora.

Constatando uma lacuna no nosso regionalismo, decidiu meter mãos à obra e levar por diante a ideia da criação da nossa Casa do Concelho, iniciativa aliás que contou de imediato com a adesão dos nossos conterrâneos que ali vivem e o empenhamento muito directo e empenhado do Presidente da Câmara Municipal, dr. José Araújo. Mas, fiquemos com as suas palavras:

«Voz da Abadia» — Como surgiu a ideia de formar a Casa do Concelho de Terras de Bouro?

Rolando Fernandes — Há muito tempo que sentíamos a necessidade de congregar os nossos conterrâneos que se encontram dispersos e fazer algo pela nossa terra. Muitos deles inclusivamente encontram-se ligados a outras associações regionalistas como sucede com as casas de Arcos de Valdevez e Ponte de Lima.

A ideia há muito que vinha fermentando nos nossos espíritos mas só agora encontrou o momento adequado para germinar. Tudo depende sempre da determinação de alguém em levar para diante um projecto que acaba por registar a adesão das outras pessoas.

«V.A.» — Qual a finalidade do encontro que vai ter lugar no próximo mês de Janeiro?

R.F. — Naturalmente, a futura Casa do Concelho de Terras de Bouro necessita de constituir os seus órgãos sociais. Mas, antes de mais, deve ser legitimada pela vontade expressa dos terrabourenses. Em situação alguma, a nossa Casa do Concelho será uma realidade imposta, embora estejamos convictos de que todos os conterrâneos partilham do nosso ideal.

A Casa do Concelho de Terras de Bouro será aquilo que os nosso Concelho e os terrabourenses que aqui residem quiserem que ela o seja.

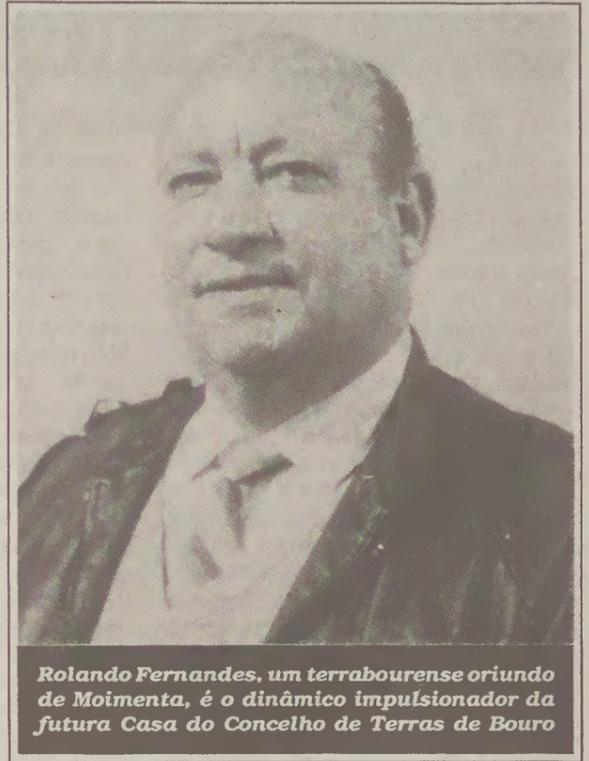
«V.A.» — Quais os objectivos da Casa do Concelho?

R.F. — A nossa associação deverá congregiar todos os conterrâneos dispersos na capital e promover a nossa região. Ela será uma embaixada dos interesses do nosso Concelho na capital lisboeta.

A sua área de actuação será vasta e diversificada, pelo que o seu êxito dependerá sobretudo da iniciativa e da imaginação dos seus dirigentes. Desde o domínio cultural e recreativa ao social e económico, a Casa do Concelho possui uma margem muito alargada de actuação. Ela deverá sobretudo representar os interesses de Terras de Bouro na capital e inclusivamente levar aos órgãos do poder central as aspirações das nossas gentes.

«V.A.» — Existem perspectivas em relação a instalações?

R.F. — Teremos de dar os passos adequados no momento certo. Em primeiro lugar importa a Casa de Terras de Bouro obter existência legal. Só depois será resolvido esse problema...



Rolando Fernandes, um terrabourense oriundo de Moimenta, é o dinâmico impulsor da futura Casa do Concelho de Terras de Bouro

De qualquer modo, posso desde já adiantar que Terras de Bouro possui muitos amigos em Lisboa!... De uma maneira ou de outra, o problema de instalação da Sede social será resolvido!

«V.A.» — O vosso projecto é de facto ambicioso e simultaneamente do maior interesse para Terras de Bouro. Quer deixar algum apelo aos nossos leitores?

R.F. — Apenas que ninguém fique indiferente e todos participem neste projecto, começando por estar presente no encontro que se realiza no próximo dia 31 de Janeiro. Estamos convencidos de que as gentes de Terras de Bouro saberão demonstrar a sua própria tẽmpera e o amor que nutrem em relação à sua terra.

* * *

Lembramos que o encontro de terrabourenses está anunciado para o próximo dia 31 de Janeiro, pelas quinze horas, a ter lugar nas instalações da Casa do Concelho de Ponte de Lima, sita na Rua de Campolide, 316, junto a Sete Rios, em Lisboa.

Antes do encontro propriamente dito, o Rancho Folclórico da Casa do Concelho de Ponte de Lima dará as boas-vindas aos terrabourenses procedendo a uma actuação.

NOTA DA SECRETARIA ARQUIEPISCOPAL

Para conveniente aplicação do decreto da Congregação do Clero sobre as denominadas «Missas colectivas»

1. A Congregação do Clero promulgou, em 22 de Fevereiro de 1991, um Decreto aprovado de forma específica pelo Santo Padre — que estabelece normas sobre as denominadas Missas Colectivas.

2. Foi publicado no boletim oficial da Arquidiocese «Acção Católica», em 1991 (págs. 455-458; cfr. também «Decisão conjunta dos Bispos sobre Missas pluritencionais ou colectivas», em A.C., 1991, pág. 1036).

3. Por isso, não se pretende repetir aqui essas normas, obrigatórias em consciência, tal como o próprio Código do Direito Canónico, mas salientar alguns dos respectivos preceitos e urgir o seu fiel cumprimento.

4. Por Missa Colectiva entende o Decreto a celebração de uma única Missa por todas as intenções (intenção colectiva) de diversos ofe-

rentes, que para esse fim deram cada um o seu contributo (cujo quantitativo é livre). É o que, com precisão, a Conferência Episcopal denomina, em 18-12-1984, na sua «Instrução Pastoral sobre a celebração e aplicação da Missa», de *Eucaristia «ad intentionem plurium»*, ou seja, Missa por intenção de vários oferentes.

5. Tal Missa só pode ser celebrada se os oferentes «advertidos de maneira prévia e explícita», livremente o consentirem. Se não, devem aplicar-se Missas distintas por intenção de cada um daqueles pelos quais foi entregue e aceite uma oferta, mesmo pequena (cân. 949). Violam esta norma, assumindo a respectiva responsabilidade moral, os sacerdotes que celebram Missa Colectiva, sem conhecimento prévio e livre consentimento dos ofertantes.

6. Além disso, a Missa Colectiva não pode ser celebrada mais do que duas vezes por semana em cada igreja

com culto habitual para os fiéis indiscriminadamente, e deve ser indicado publicamente o seu lugar e horário.

Não basta, portanto, indicá-lo a cada oferente. Havendo, então, Missas colectivas, cuja necessidade se não deve criar, porque se trata de uma excepção que a Igreja não deseja ver ampliada, mas pode satisfazer-se onde existir, neste caso o pároco ou reitor da igreja afixe publicamente ou avise, na Missa de preceito, não só a qualidade de Missa Colectiva, mas também o lugar e hora da celebração.

7. Ao celebrante só é lícito retirar para si, do cúmulo das ofertas recebidas, a parte correspondente e um estipêndio fixado pela tabela diocesana, devendo o remanescente ser entregue aos serviços da Cúria Arquiepiscopal, onde o Prelado diocesano o destinará aos fins previstos no cân. 964, isto é, ao sustento do clero e/ou a obras da Igreja e actividades apostólicas.

8. De acordo com o expresso na citada Instrução Pastoral da Conferência Episcopal, estão excluídas desta modalidade de celebração, as Missas exequiais (a não ser no funeral conjunto de mais de uma pessoa), as que tenham origem em disposições testamentárias, em obrigações estatutárias das Irmandades ou de outras Associações congêneres, e todas aquelas cujos oferentes, por motivo de consciência ou por simples devoção, optem pela celebração particular, ou devam ter esta por qualquer outra legítima razão.

É de esperar que, em matéria tão delicada, todos, sacerdotes e fiéis, se atenham, com fidelidade, às normas providas daquelas que Jesus incumbiu de governarem a Sua Igreja.

Braga, 15 de Dezembro de 1992

ROSÁRIO, ORAÇÃO ECUMÉNICA

É realmente impressionante como no declinar do século XX, também denominado o século das luzes, ainda se encontre tamanha divisão entre os cristãos!... Não é verdade que Jesus Cristo, na Sua tão enternecedora oração da Última Ceia, pedira ao Pai: «...que todos sejam um só; como Tu, ó Pai estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste. Dei-lhes a glória que Tu me deste, para que sejam um como Nós somos Um, Eu neles e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim. Pai, quero que aqueles que Me deste, onde Eu estiver, também estejam Comigo, para que vejam a Minha glória...» (Jo. 17, 21-25). E a Vontade de Cristo não é a do Pai, se Ele é um só Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo?... Como se compreende que os cristãos não vivam todos em perfeita unidade?... É, de facto, misterioso!... E será que nós mesmos temos trabalhado, para a autêntica unidade dos cristãos?...

S. Paulo lembra-nos que, pelo Baptismo, pertencemos ao mesmo e único Corpo Místico de Cristo: «...como em um só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros, têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, constituímos um só Corpo em Cristo, sendo individualmente membros uns dos outros» (Ro. 12, 4-6).

Ora, se no corpo humano, todos os membros estão em função uns dos outros, de tal forma que se um está lesado, todos os restantes se preocupam, todo o corpo sofre e fica mais pobre e, por vezes, até impossibilitado de agir, poder-se-á tolerar que no Corpo Místico não haja perfeita unidade?... Não deveriam viver todos uns para os outros, na mais íntima comunhão com Cristo, sua Cabeça?... A separação ainda reinante não será um tremendo obstáculo à conversão dos que ainda andam à deriva, em demanda da salvação? Jesus já fazia alusão, na Última Ceia: «...para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste...»

Uma das razões do desentendimento, entre as Igrejas cristãs, é a pessoa da Santíssima Virgem. Não é incontestável que não pode haver corpo sem Mãe?... Como é que alguém se possa confessar cristão, ou seja, discípulo de Cristo e membro do Seu Corpo, se não aceitar a Sua Mãe, tal como Ela é — Imaculada e em íntima união com a Santíssima Trindade?... É certo que, pelos séculos fora, se cometeram erros, mas estes devem corrigir-se e que não sejam motivo de separação, desagregação do mesmo Corpo. Isso é um escândalo absurdo!... À medida que nos dermos conta do lugar de Maria na História da salvação, mais nos convenceremos de que Ela deve ser conhecida e amada por todos e cada um dos que formam a enorme família cristã. A esse respeito, dizia

Paulo VI, no encerramento do Concílio Vaticano II: «O conhecimento da verdadeira doutrina católica sobre Maria constituirá sempre uma chave para a compreensão exacta do Mistério de Cristo e da Igreja». Precisamente, cá está. Como será possível compreender perfeitamente a Vida de Cristo e da Sua Igreja, se nos alhearmos da Sua própria Mãe?... Raciocinando bem e sem qualquer falso perconceito, teremos de concluir que a vida de Nossa Senhora sempre andou intimamente relacionada com a de Cristo e, conseqüentemente, com a da Sua única Igreja. Sem dúvida que houve desvios doutrinários, através dos tempos e sempre os haverá: somos humanos. Mas saibamos estudar os problemas a fundo, para detectarmos a verdade autêntica e não se caia em erros tremendos, ao pretender atacar outros de somenos importância e, quantas vezes, suscitados por uma piedade sincera e profundamente filial!...

Muito havia a explicar sobre o assunto, mas o tema em vista é destacar a importância extraordinária e fundamental do Rosário, para o verdadeiro ecumenismo das Igrejas cristãs. Estamos certos de que o Rosário, bem compreendido e vivido, desempenhará um papel decisivo para a solução de um problema dos maiores da Igreja de Cristo. Sim, da Igreja de Cristo, da Sua única Igreja, pois só há uma e não dezenas ou sei lá quantas. A questão preponderante é que todas pretendem

ser a tal única Igreja de Cristo. E, será que Jesus Cristo está dividido ou caiu em contradição?!... A quem é que Ele dissera: «Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja e as portas do Inferno nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus, e tudo quanto ligares na Terra ficará ligado nos Céus, e tudo quanto desligares na Terra será desligado nos Céus» (Mt. 16, 18-20)?... A Igreja Católica é a única que sempre se manteve na linha directa, na seqüência ininterrupta dos Sucessores de Pedro, não obstante os graves deslizamentos de alguns dos seus membros, o que se compreende, pois eram humanos e fracos.

Ora, no Rosário, nós constatamos — e quantas vezes o foi dito e claramente demonstrado — que todo ele é o Compêndio maravilhoso dos principais Mistérios da Vida de Cristo e da Sua Mãe Santíssima. Nos Mistérios que o entretecem, com a sua orgânica lógica e insofismável; nas suas belíssimas orações, vindas do Céu ou por ele inspiradas. Enfim, o Rosário é coeso e uno, como único é o mesmo Senhor Jesus que ele evidencia e aclama.

Portanto, sem dúvida alguma, terá de ser a melhor oração ecuménica: apresenta-nos Jesus Cristo, com toda a exactidão e clarividência. Reze-mo-lo, com todo o fervor possível.

A. PEIXOTO, O. P.
(«Ordem», de 15-10-92)

«A Voz da Abadia», 31/12/92

«FARMÁCIA OLIVEIRA, LDA.»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE AMARES
N.º de Matrícula 00204
N.º de Ident. de Pes. Col. —
N.º de Inscrição 01
N.º e Data da Apresentação 01 — 92/Dez./18

JOSÉ ANTÓNIO LEMOS DE SOUSA, Ajudante em exercício, CERTIFICA, que entre Maria Arminda Serrano Nunes de Oliveira c.c. Carlos Alberto Almeida Valério, na comunhão geral, Viatodos, Barcelos e António Augusto Fidalgo Martins de Sá Couto c.c. Maria Manuela Fernandes da Silva, na comunhão geral, Rua da Junqueira, Póvoa de Varzim, foi constituída a sociedade em epígrafe, que se rege pelo seguinte contrato:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma «FARMÁCIA OLIVEIRA, LDA.», e terá a sua sede na Praça do Comércio, número setenta e quatro, primeiro esquerdo, da freguesia de Ferreiros, do concelho de Amares, podendo ser transferida dentro do mesmo concelho ou para concelhos limítrofes, por simples deliberação da Assembleia Geral.

SEGUNDO

O objecto social consiste na exploração de farmácia.

TERCEIRO

O capital social integralmente realizado em dinheiro é de QUINHENTOS E VINTE MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas, sendo uma de quinhentos mil escudos, pertencente à sócia Maria Arminda Serrano Nunes Oliveira e outra de vinte mil escudos, pertencente ao sócio António Augusto Fidalgo Martins de Sá Couto.

QUARTO

UM — A administração e gerência da sociedade fica afecta a um ou mais gerentes, sócios ou estranhos, designados em Assembleia Geral.

DOIS — Fica desde já designado gerente a sócia, Maria Arminda Serrano Nunes Oliveira.

QUINTO

UM — A sociedade fica obrigada pela assinatura conjunta de dois gerentes, excepto se a gerência estiver e enquanto o estiver afecta exclusivamente a uma única pessoa caso em que a respectiva assinatura será suficiente.

DOIS — Basta a assinatura de um gerente nos actos de mero expediente, bem como quando aquele haja sido designado para o efeito por deliberação da Assembleia Geral.

TRÊS — A sociedade ficará ainda obrigada pela assinatura de mandatário ou procurador, em cumprimento do respectivo mandato.

SEXTO

A direcção técnica de qualquer estabelecimento de farmácia que venha a ser adquirido ou explorado pela sociedade, competirá ao sócio que for designado pela assembleia geral.

SÉTIMO

UM — A cessão de quotas é livre entre os sócios, ficando desde já autorizada a divisão, no caso de cessão parcial.

DOIS — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade, podendo o sócio transmitente votar na deliberação que incida sobre o consentimento a prestar pela sociedade.

OITAVO

UM — Em caso de morte, interdição ou inabilitação do sócio António Augusto Fidalgo Martins de Sá Couto, poderá a sociedade amortizar a respectiva quota.

DOIS — Igual regime se aplicará no caso de se verificar a impossibilidade de, nos termos da lei, o mesmo sócio continuar a assegurar o exercício das funções a que se refere o artigo sexto.

TRÊS — A sociedade poderá ainda amortizar a quota de qualquer sócio, quando a quota seja objecto de penhora, arresto, arrolamento, inclusão em massa falida ou insolvente.

QUATRO — Tendo a sociedade direito a amortizar a quota, pode, em alternativa, fazê-la adquirir por sócio ou terceiro.

CINCO — A contrapartida da amortização ou aquisição nos casos previstos nos números anteriores, é a do valor nominal da quota.

NONO

As assembleias gerais dos sócios serão convocadas por qualquer gerente, por meio de carta registada, expedida com a antecedência mínima de quinze dias.

DÉCIMO

A gerente designada fica desde já autorizada a adquirir por trespasse a Farmácia Oliveira, sita na Avenida Combatentes da Grande Guerra, número noventa e quatro, da cidade de Barcelos.

Está conforme o original.
Contém três folhas.

Conservatória do Registo Comercial de Amares aos 21 dias do mês de Dezembro de 1992

O AJUDANTE EM EXERCÍCIO,
José António Lemos de Sousa

DESPORTO

Campeonato Distrital da II Divisão - Série C

RESULTADOS

Briteiros, 1-Arões, 1; Outeiro, 2-Terras de Bouro, 3; Guilhofrei, 0-Pica, 0; Rendufinho, 0-Golães, 1; Garfe, 5-São Nicolau, 0; Figueiredo, 1-Gonça, 0; Fomelos, 2-Fermilense, 0; Vasco da Gama, 0-Mosteiro, 1; Passos, 0-Brito, 0.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Garfe	10	7	3	-	26-8	17
Golães	10	7	2	1	16-6	16
Terras do Bouro	10	6	3	1	24-11	15
Vasco da Gama	10	5	3	2	17-9	13
Mosteiro	10	5	3	2	14-10	13
Brito	10	4	4	2	7-6	12
Fermilense	10	3	5	2	12-10	11
Gonça	10	5	1	4	17-16	11
Arões	10	3	4	3	14-10	9
Figueiredo	10	3	3	4	13-12	9
Briteiros	10	3	3	4	12-13	9
Pica	10	3	3	4	9-14	9
Guilhofrei	10	1	5	4	11-14	7
Rendufinho	10	2	3	5	7-16	7
Fomelos	10	2	2	6	11-20	6
São Nicolau	10	2	2	6	16-27	6
Passos	10	1	3	6	4-16	5
Outeiro	10	-	4	6	6-16	4

PRÓXIMA JORNADA (3 de Janeiro)

Briteiros-Outeiro; Terras de Bouro-Guilhofrei; Pica-Rendufinho; Golães-Garfe; São Nicolau-Figueiredo; Gonça-Fomelos; Fermilense-Vasco da Gama; Mosteiro-Passos; Arões-Brito.

Nacional da III Divisão - Série A

Resultados

Vila Pouca - Taipas	2-0
Montalegre - Santa Maria	1-2
Neves - Juventude de Ronfe	0-3
Lanheses - Amares	2-1
Mãe d'Água - Bragança	0-1
Merelinense - Limianos	0-0
Joane - Maria da Fonte	1-1
Marinhas - Vieira	1-0
Delães - Pedras Salgadas	2-2

Classificação

	J	V	E	D	F-C	P
Ronfe	13	8	3	2	28-4	19
Marinhas	13	7	5	1	21-15	19
Lanheses	13	7	4	2	18-9	18
Vila Pouca	13	8	1	4	24-16	17
Santa Maria	13	5	5	3	19-15	15
Vieira	13	5	4	4	11-10	14
Pedras Salgadas	13	4	6	3	16-14	14
Bragança	13	5	4	4	16-11	14
Limianos	13	4	5	4	12-12	13
Neves	13	5	2	6	25-21	12
Joane	12	4	4	4	9-11	12
Amares	12	4	3	5	16-17	11
Maria Fonte	13	4	3	6	9-17	11
Merelinense	13	4	3	6	7-18	11
Delães	13	3	5	5	14-19	11
Mãe d'Água	13	2	4	7	6-21	8
Taipas	13	0	7	6	4-12	7
Montalegre	13	2	2	9	11-24	6

Próxima Jornada (3 Janeiro): Taipas - Delães; Santa Maria - Vila Pouca; Ronfe - Montalegre; Amares - Neves; Bragança - Lanheses; Limianos - Mãe d'Água; Maria da Fonte - Merelinense; Vieira - Joane; Pedras Salgadas - Marinhas.

Campeonato Nacional da I Divisão

Resultados

Gil Vicente - Famalicão	0-1
Sporting de Braga - Salgueiros	3-0
Sp. Espinho - Tirsense	1-0
Farense - Paços de Ferreira	2-0
Sporting - Belenenses	3-0
Benfica - Estoril	4-0
Boavista - Marítimo	2-1
F.C. Porto - Beira Mar	0-0
Desportivo de Chaves - Vitória de Guimarães	1-1

Classificação

	J	V	E	D	F-C	P
F. C. PORTO	16	11	3	2	30-9	25
Sporting	16	7	7	2	25-13	21
Benfica	15	8	4	3	20-9	20
Boavista	16	8	4	4	21-13	20
Belenenses	16	6	6	4	17-13	18
Famalicão	16	6	6	4	15-16	18
Marítimo	16	6	4	6	24-18	16
Sporting de Braga	16	7	2	7	18-16	16
Beira Mar	16	4	7	5	11-16	15
Salgueiros	16	4	7	5	16-21	15
Sp. Espinho	16	5	5	6	17-23	15
Estoril	16	4	6	6	18-21	14
Farense	16	4	6	6	16-17	14
Vitória Guimarães	16	6	2	8	17-25	14
Paços de Ferreira	15	4	5	6	18-22	13
Tirsense	16	4	5	7	11-15	13
Gil Vicente	16	4	5	7	14-24	13
Desp. Chaves	16	1	4	11	12-29	6

Próxima Jornada (3 Janeiro): Famalicão - Sporting de Braga; Salgueiros - Sporting de Espinho; Tirsense - Farense; Paços de Ferreira - Sporting; Belenenses - Benfica; Estoril - Boavista; Marítimo - F.C. Porto; Beira Mar - Desportivo de Chaves; Vitória de Guimarães - Gil Vicente.

Campeonato Distrital da III Divisão - Série C

RESULTADOS

Estrelas Vermelhas, 3-Ventosa, 0; Cavez, 5-Gerês, 1; Santo Estêvão, 1-Travassós, 0; Estorãos, 1-Alvite, 0; Regadas, 2-Silvares, 0; Cepanense, 0-União Moreirense, 0; Armil, 2-Rossas, 2; Sobreposta, 2-Gandarela, 2.

PRÓXIMA JORNADA (3 de Janeiro)

Estrelas Vermelhas-Cavez; Gerês-Santo Estêvão; Travassós-Estorãos; Alvite-Regadas; Silvares-Cepanense; U. Moreirense-Armil; Rossas-Sobreposta; Ventosa-Gandarela.

Rossas	8	5	2	1	24-7	12
Cepanense	8	5	2	1	14-3	12
Santo Estêvão	8	5	2	1	13-6	12
Travassós	8	4	2	2	11-5	10
U. Moreirense	8	3	3	2	11-9	9
Cavez	8	4	1	3	13-12	9
Est. Vermelhas	8	3	3	2	8-8	9
Sobreposta	8	3	3	2	8-7	9
Gandarela	8	3	3	2	8-10	9
Alvite	8	3	2	3	9-8	8
Ventosa	8	4	0	4	10-14	8
Silvares	8	2	1	5	12-13	5
Armil	8	1	3	4	8-12	5
Regadas	8	1	3	4	8-13	5
Estorãos	8	1	2	5	8-18	4
Gerês	8	1	0	7	5-25	2

Assine e divulgue

«A VOZ DA ABADIA»

CARDOSO DA SAUDADE

— FATOS

— CALÇAS

— CASACOS

— BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

Fernando

OCULISTA

ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR

Rua do Souto, 23
(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703
4700 BRAGA

Apontamentos da minha Agenda

Por Manuel Teixeira

ESPECIAL MENSAGEM DE NATAL

Tornou-se tradição, nesta época do ano, os homens ou as mulheres, dirigirem uns aos outros votos de Feliz Natal e, próspero Ano Novo.

Sim, todos os anos e por esta época, a festa do Natal volta para nos repetir a sua promessa de amor e paz.

Num mundo em que os mais lídimos valores do homem passaram para um plano secundário, o Natal continua a ser aquele mistério que a humanidade esperou durante milhares de séculos. Consentir que o Natal seja apenas uma festa de recordações, de nostalgias e de cânticos à volta do presépio romântico, é não compreender o seu justo e verdadeiro significado. De nada servirá de facto, que em cada Natal Deus reaparece aos homens de boa vontade, se ele não nascer em cada coração.

Estou na hora de partir até ao estran-

geiro, talvez por dois meses, mas antes da minha retirada, quiz deixar aqui um grande abraço e os mais sinceros votos de um Feliz Natal e de próspero Ano Novo que dentro em dias nos vai bater à porta 1993.

Estes meus votos são certamente dirigidos aos estimados leitores deste prestigioso jornal da família do norte de Portugal, a quem devo o maior respeito e admiração, não só porque comungamos todos dos mesmos ideais religiosos, patrióticos e familiares, mas também me têm lido com muita paciência.

Os meus votos festivos vão também para todas as gentes das Terras de entre o Rio Homem e Cávado, mas muito em especial, os da minha freguesia de Ferreiros (Feira Nova — Amares).

Para hoje é tudo, de vós me despeço e até breve se Deus nos permitir.

la longe o tempo da mestra-régia, com cinco pintos e meio por mês, daquele burgo que fora «cabeça» do concelho, e nas Pereiras abriu o posto escolar na casa pegada à alfaiataria do Alfredo Careca.

Numa salinha decorriam aquelas monocórdicas aulas de ler, escrever e contar e no resto da casa eram os exíguos aposentos da regente.

Do mestre-régio tínhamos retrocedido à rudimentar regente-escolar — uma espécie de curiosa do ensino, baratinha ao Estado.

A janela de trás deitava para o quintal onde se misturavam bardos de uvas trincadeiras, castanheiros, laranjeiras, figueiras e macieiras camoesas que traziam à escola um cheirinho afagador e inebriante.

A parede, estonada do reboco, deixava vislumbrar, através da folhagem dos limoeiros que trepavam até ao beiral, o granito escurecido pelos anos.

O pátio do recreio era o largo à roda da cadeia e os maiores penduravam-se nas grades à risota, com os presos, a ouvir queixumes e histórias brejeiras, e os mais pequenos faziam corridinhas com as rodas de gancha à volta do passeio que rebordava a reclusão pelo lado do caminho.

De vez em quando saía de dentro da prisão uma caralhada alta que fustigava os ares e aquelas flores inocentes foram-se habituando a saber que, além da linguagem dos livros, a dos trechos belos, havia uma outra — a das revoltas da vida.

Uma das regentes que veio depois, era eu já taludinho, de lunetas na ponta do nariz, repetia constantemente para a balbúrdia da classe:

«Chiu, chiu...»

Estava velha, cegueta, meia surda, incapaz por tudo para o cargo, mas como a reforma era como a dos demais, morrer num canto qualquer, ia aturando as surriadas da canalha.

O Tonho, da Cancela, de fuça malcheirosa e vela acesa no nariz, tinha uma lambada que lhe partia a alma e punha-se a mijar à São João diante das miudas, dava peidos troantes, escorriçava todos os gatos que apanhava na sorna e quando era chamado ao quadro colocava-se atrás da cadeira da professora e deixava-lhe cair pó de giz nos cabelos.

Os outros chamavam-lhe o «alampadinho».

CRÓNICAS SELVAGENS (4)

Os mais mariolas faziam caretas para fora, através das vidraças, e os alfaiates, uns pândegos, lamentavam a professora e os coitados dos alunos que andavam ali a fazer que faziam.

O Bráulio, benjamim da alfaiataria, era um cascalheta alegre, pela tarde já com um grãozinho na asa, contagiando os miudos com o seu feito folgaz.

— «Já sabes o bê de burro?»

— «Pois se não sabes, burro ficarás toda a vida».

Do seu miolo de efabulação saíam fantásticas liórnias como aquela de ter ido ao Inferno, passeado à volta dos caldeirões sem uma chamuscada e sem uma cornada do Diabo. E não tinha lido o Dante!

Um pobre deu uma vez um pontapé numa pedra, achou um tesoiro, bandeou-se em moínas e aventuras e acabou outra vez, quilhadinho, de sacola às costas.

O Petisco, matias de cabo a rabo, sempre de toutiço alevantado, coçara anos e anos os bancos daquela alfaiataria e nunca aprendera a talhar, nem ao menos umas ceroilinhas.

Dizia tolices em fio, mas, perante os doutores da Vila, a descobrir rabos-de-palha uns aos outros, feitos asnos chapados da política, deixou-o absolvido, porque esses outros eram os cartolas da terra, morreram todos e o mundo ficou torto como estava.

O buldogue do Dr. Falcão, sentado no tra-seiro, de patas dianteiras apoiadas no chão, abanava as orelhas e dava ganidos que pareciam troças àquela vidairada toda.

Os presos, aos mais pequenos, atiravam-lhes piadas chocarreiras e eles, gangalhos, choramingavam pelos cantos e era preciso ir buscá-los pela mão e fazê-los subir a escadaria do posto.

À direita da curva do caminho para Conselheiros alargava-se todo um grande baldio, com sobreiral ao fundo, onde se realizava a feira das cebolas.

Do barranco um bonito alazão do Gonçalo

Terrabourenses: Uni-vos!

É já no próximo dia 31 de Janeiro que vai ter lugar o anunciado encontro de terrabourenses, a realizar-se pelas quinze horas, nas Instalações da Casa do Concelho de Ponte de Lima, sita na rua de Campolide, 316, junto a Sete Rios.

Das alturas da Senhora da Abadia onde os romeiros encaminham os seus passos a São Bento da Porta Aberta, desceram à capital as gentes de «terra de Boyro» à procura do pão que a vida árdua da lavoura não obtinha.

Hoje, num gesto

de sublime amor filial, querem dedicar-lhe um poema, compor-lhe um hino, pintar o mais belo quadro que artista algum jamais conseguiu — a CASA DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO.

De ora em diante, os terrabourenses não mais se sentirão órfãos da sua terra, abandonados ao bulício da grande cidade, como que exilados na sua própria pátria.

— Bem haja a terra que tão extremos filhos criou!

CARLOS GOMES

Meireles desgalgou e ali ficou dias, inutilizado, a expedir e ainda hoje pergunto porque é que então não deram um tiro na cabeça do animal. Esquisitices de fidalgo que até tinha uma sala-de-armas no seu solar!

Iamos lá ver o cavalo a resfolegar, estendido na relva, à espera da morte.

Naquele enorme baldio, onde hoje nos domingos de sol e extravasão há gritos, vozes ululantes, assobios e clamores desse desporto que entontece mil cabeças, desprendíamos as nossas alegrias e os nossos contentamentos.

A macieza da relva, o soito acolhedor, o sobreiral, as carvalhas, cheias de frescura desapareceram daquela paisagem das Pereiras. Bem tento reconstituir aqueles contornos e aquelas delícias, mas o que lá vejo hoje, com a bola mágica a rodopiar e uma multidão a gritar, baralha-me a evocação.

E os namoricos na cadeia?

Quebravam o seu tanto a aspereza da reclusão.

O filho do Flato — moleiro da Ranha — nos seus tempos de mocetão, vinha para junto das grades derriçar com a Miquelina, uma prisioneira que fazia doer o coração vê-la ali. Alta, esbelta, uma carinha de páscoa que era uma aleluia, cabelos bastos a caírem-lhe pelos ombros e um olhar quente que saía dos seus olhos aguados.

Era a tentação dos rapazes que passavam, embora ela lhes renovasse todos os dias as negações.

Miquelina estava enamorada daquele rapaz e a prisão dela para ele não era nem castigo nem nódoa, mas inocência d'alma.

Dum lado era o presídio dos homens e do outro o das mulheres.

Serviam-se de nós, os meninos ingénuos, para encomendeiros dos seus recadinhos e os que sabiam escrever coisa de jeito enviavam mensagens amorosas.

Naquela cadeia, velha de anos, cheia de tristura, os presidiários afagavam a esperança de que algum dia algum amor os redimisse e enredasse as voltas do destino — um destino que estivesse longe de trazê-los de volta, à frieza das grades, como tantas vezes sucedia.

Alexandre Vaz